

ESTA PALAVRA MARIALVA!

QUATRO conhecidos escritores — Cardoso Pires, Cunha Leão, Leitão de Barros e Francisco Keil do Amaral — ocuparam-se ultimamente; se bem que por prisma diferente, da palavra Marialva. É um nome muito espalhado na língua portuguesa, devido a factores diversos, mas eu ponho que nem todos conheçam em pormenor a sua origem e desenvolvimento na história e costumes de Portugal.

Para os curiosos e menos versados vamos, pois, tentar um breve estudo do marialvismo que se dividirá nas seguintes partes:

1.º — Origem e projecção nos séculos XV e XVI; 2.º — Os séculos XVII e XVIII e a expansão popular; 3.º — A cartilha de Cardoso Pires; 4.º — O marialvismo e o sentimento nacional.

1.º — Propriamente a Vila de Marialva é uma povoação muito antiga da Beira Alta, que gozou das suas liberdades antes de, em nome da liberdade, ser integrada no concelho de Meda. Segundo os livros da especialidade o nome teria tido origem no de uma mulher chamada Maria Alva, que pelas leis da contracção deu o vocábulo actual. Outros autores dizem que o nome lhe vem

do rio que corre perto e se chama Malva. Por sua vez o seu vetusto castelo teria sido dos mais fortes do Reino. No tempo dos romanos a povoação chegou a gozar de honras de cidade.

Porém, a projecção do nome Marialva na vida portuguesa só teve lugar desde o meado do século XV. Efectivamente, foi em Setembro de 1440 que o Infante D. Pedro, Regente na menoridade de El-Rei D. Afonso V, criou o condado de Marialva na pessoa de D. Vasco Fernandes Coutinho, a quem foi dada a alcaidaria-mor e o senhorio da vila, me.

Segundo vários historiadores, «D. Vasco era um dos fidalgos de maior respeito e riqueza daqueles tempos». Meirinho-mor do Reino, foi ainda alcaide-mor de Lamego, Penedono, Trancoso e Pinhel, e também senhor de Leomil e de muitas outras terras.

Casou em 1412 com D. Maria de Sousa, filha de D. Lopo Dias de Sousa, Mestre de Cristo e neta de D. Maria Teles.

Em 1415 tomou parte na conquista de Ceuta e, em 1437, na sua qualidade de Marechal do Reino, acompanhou o Infante D. Henrique na empresa de Tanger e, depois da derrota, «disputou com Alvaro Vaz de Almada — o de Alfarrrobeira — a honra de ser o ultimo a retirar e embarcar, com grande espanto dos mouros que não podiam compreender aquele sangue frio e aquela como elegancia da bravura» (Quadros Henriquinos).

Por causa da regência da Rainha D. Leonor, viúva de D. Duarte, presidiu por duas vezes á reunião da nobreza, uma em Tomar e outra em Torres Novas. Faleceu em 1450.

Eis em breves palavras a biografia do homem que personificou pela primeira vez o nome de Marialva e através de cuja descendência, como vamos ver, se operou a sua expansão na vida portuguesa.

Seu filho, D. Gonçalo Coutinho, foi o 2.º conde. Herdou as dignidades do pai, com excepção do cargo de marechal e da alcaidaria de Pinhel, que passaram para o filho segundo, D. Fernando Coutinho, tão destacado guerreiro em Marrocos que, em 1451, por renúncia do conde de Arraiolos do Governo de Ceuta, D. Afonso V escolheu o Infante D. Henrique para o substituir. Tendo este pedido escusa devido aos seus afazeres em Sagres, veio a ser no-

meado para este alto posto o citado marechal, um dos primeiros 28 cavaleiros da Torre e Espada.

Por sua vez o 2.º conde, excedeu-se por tal forma no exercicio de meirinho-mor e alcaide de castelos que D. Afonso V o mandou prender. Perdoado a pedido da Rainha de Castela, foi restituído ás suas dignidades em 1455, e em 1463 resgatou todas as suas culpas morrendo bravamente no 2.º ataque a Tanger. Pinho Leal na sua aliás monumental obra «Portugal antigo e moderno», entre outros erros afirma o seguinte: Fernando de Seles, procurador de Pinhel, reclamou nas Cortes de Evora de 1325, contra D. Gonçalo, filho do conde de Marialva, por pretender coutar terrenos em Ervas Tenras. Trata-se de erro grosseiro, pois como vimos o condado de Marialva só foi criado em 1440, seja 115 anos depois.

Foi 3.º conde seu filho D. João Coutinho. Este morreu tão heroicamente na conquista de Arzila, em 1475, que el-Rei D. Afonso V resolveu armar cavaleiro diante do seu cadáver a seu filho, o futuro D. João II, a quem dirigiu estas palavras: «Deus vos faça tão bom cavaleiro, como o conde de Marialva, qua ai jaz cheio de feridas». Mas a maior consagração moral do herói havia de ser a que lhe veio de sua noiva D. Catarina, filha dos 2.ºs duques de Bragança. Esta senhora, embora o casamento não se tivesse chegado a realizar, resolveu adoptar o titulo de condessa de Marialva, ficar solteira e fundar o convento de Santana, em Leiria, onde faleceu.

Foi 4.º conde, D. Francisco Coutinho, irmão do anterior. Dele dizem historiadores que foi varão esclarecido na paz e na guerra.

Assistiu aos reinados de D. Afonso V, D. João II, D. Manuel I e D. João III. Faleceu em 1432. Foi conde de Loulé pelo seu casamento com D. Beatriz de Meneses.

Na sua qualidade de meirinho-mor pertencia-lhe comparecer á execução do 3.º Duque de Bragança, em Evora. Mas o julgamento deste correu tão irregular e arbitrariamente (o rei foi ao mesmo tempo parte e juiz), eram tão duvidosas as provas apresentadas e tão relevante na vida nacional o passado do ancião justificado, que o meirinho-mor se recusou a comparecer e mandou dizer ao monarca que o demittisse, se o entendesse, mas a sua resolução era inabalável. Foi talvez o unico português que ousou enfrentar a cõlera absolutista de D. João II.

Costa Lobo considerou a casa de Marialva depois da sua união com a de Loulé como a 3.ª do Reino, só lhe antepondo a de Bragança e a de Vila Real. Do casal era filha unica D. Guiomar Coutinho, considerada a primeira noiva da península e que D. Manuel I, o mais faustoso rei da Europa do seu tempo, não hesitou em escolher para mulher de seu filho D. Fernando. Dada a pouca idade dos noivos, o casamento só se veio a efectuar no reinado de D. João III, mas nas capitulações aprovadas ainda pelo Venturoso, estipulou-se, depois da concessão de muitas mercês de varta a parte, o seguinte:

Os filhos que nascessem do casal usariam o apelido Coutinho e suas armas, e o primogénito seria conde de Marialva e Loulé.

Aliás o próprio Infante D. Fernando e a Infanta D. Guiomar Coutinho se encartaram como 5.º condes de Marialva, além de Duques da Guarda, dignidade que lhes foi concedida pouco depois do casamento por el-Rei D. João III, irmão e cunhado dos noivos.

Dão-se estes pormenores por serem extraordinários na época. Efectivamente a norma era os filhos e netos dos reis não usarem apelido. A excepção só mostra quanto D. Manuel I considerava a familia Marialva. Importa acrescentar que os próprios servidores da Casa se intitulavam e eram conhecidos por marialvas, e quando entravam em combate faziam-no aos brados de Marialva, Marialva!

Embora muito amigo, não foi feliz o casal. Tendo-se consorciado em Março de 1530, entre Agosto e Dezembro de 1534, extinguiu-se o marido, os dois filhos e a mulher, em condições um tanto misteriosas.

E assim acabou a primeira fase da Casa Marialva. Se o filho não tivesse morrido, certamente lhe caberia a vez de suceder a D. Sebastião, depois do desastre de Alcácer Quibir.

T. M. C. L.

A seguir: II — Os séculos XVII e XVIII, e a expansão popular